



www.mariomurteira.com

Seis teses sobre a «crise»

A «crise» é sem dúvida económica, mas também é civilizacional e cultural

A «CRISE» ESTÁ AÍ, embora aparentemente ninguém saiba, com algum rigor, do que se trata. Sabe-se que o paciente – que somos nós todos, com alguma impaciência – sofre de doença grave, mas os diagnósticos variam, embora a maior parte provenha de analistas tão presumidos e petulantes como superficiais.

Pela minha parte, não pretendo saber mais sobre o assunto do que o «resto do mundo», digamos assim, como fazem os economistas, embora o ISCTE me tenha classificado (juntamente com outros colegas), de «professor emérito», além de decano e jubilado, atributos estes que apenas traduzem, afinal, teimosa persistência de vida.

Atrevo-me assim a propor ao leitor algumas «teses» sobre o controverso tema simplesmente para provocação da sua própria capacidade de penetrar nos mistérios da «crise»

Primeira tese: esta crise não tem precedentes comparáveis

A presente crise tem contornos específicos sem precedente na história do capitalismo. É ilusório, por exemplo, compará-la com a «Grande Depressão» dos anos 30 do século passado. A «novidade» essencial reside na dimensão colossal dum capitalismo financeiro globalizado, que sem apelo submete à sua lógica a chamada economia real, ficando esta entregue à ganância da acumulação mercantil, sem regulação digna desse nome.

Segunda tese: a economia é importante, os economistas, não

O pensamento económico dominante, de feição «neo-liberal», é irrelevante para a análise da presente crise, embora possa servir – como no passado recente serviu – de justificação ideológica para uma política de «mais do mesmo».

Terceira tese: a «Ciência Económica» passa ao lado da crise

Um paradoxo da presente conjuntura reside na irrelevância da «Ciência» Económica dominante, contrastando com o implacável domínio do «económico» no funcionamento das sociedades actuais. Daí o descrédito da classe profissional dos economistas na interpretação do que acontece na economia real. O autor destas linhas sabe bem como era prestigiado o «economista» nos anos 60/70 do século passado, mesmo em Portugal, ao contrário do que hoje sucede.

Quarta tese: Marx e Schumpeter enganaram-se ambos sobre o destino do capitalismo e, tal como eles, ninguém pode prevê-lo

Joseph Schumpeter, nascido no ano da morte de Karl Marx (1883), foi talvez o maior economista da primeira metade do século passado e considerava Marx um dos maiores economistas de sempre. Pela amplitude da sua «visão» da História, Schumpeter tinha também grande admiração pelo capitalismo, fundada no seu processo de inovação ou «destruição criadora», o grande papel histórico do empresário empreendedor. Grandes economistas com visões opostas do capitalismo tinham todavia algo em comum: observavam-no como um processo histórico em movimento, uma totalidade em que o «económico» é a dimensão porventura condicionante do todo.


Quinta tese: é preciso criar nova concepção de regulação do capitalismo, nova nos meios como nos fins

Diz-se que alguém «não regula bem», quando apresenta sintomas de distúrbio ou perturbação mental. Quando hoje observamos os comportamentos de entidades como o FMI, o Banco Mundial ou o Banco Central Europeu, podemos dalgum modo reconhecer que por vezes não regulam bem, ainda nesse sentido. Observe-se por exemplo, o tom solene com que se fazem previsões (até às décimas!) sobre a variação anual do PIB ou se apela para o respeito dos «*Fundamentals*» da Economia. Como se apenas os governadores dos bancos centrais, literalmente, penetrassem no segredo dos deuses.

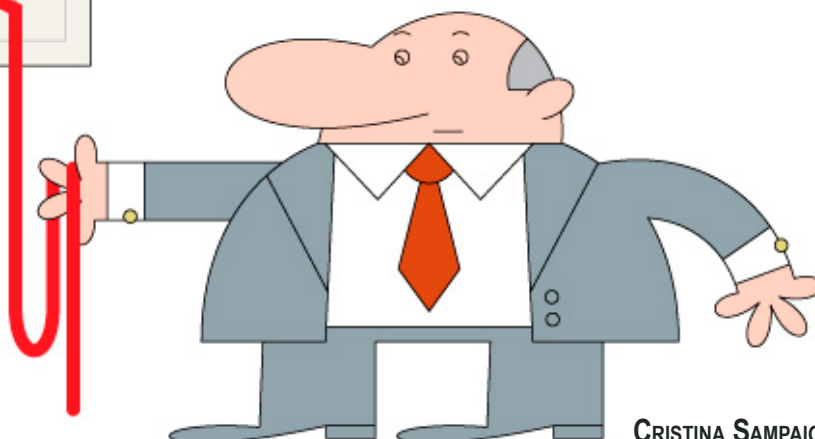
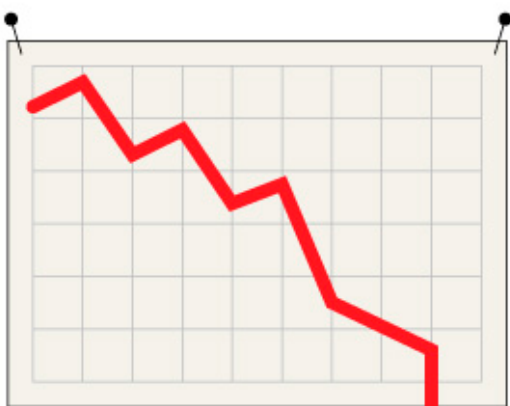
Sexta tese: sim, não sabemos para onde vamos, mas ao menos importa saber donde vimos, para procurar outros sítios

Não vimos apenas dum sistema económico dominado pela especulação financeira. Vimos também um mundo de tremendas desigualdades, de generalizada corrupção a todos os níveis, de declínio dos valores éticos em contraste com o predomínio dos valores bolsistas. Onde terrorismos desesperados emergem, em particular junto de jovens que não encontram outras formas de dar sentido às suas vidas.

A «crise» é sem dúvida económica, mas também é civilizacional e cultural.

Não é assim de estranhar que um homem como Barack Obama, o novo presidente eleito norte-americano, tenha suscitado tanta esperança à sua volta. Obama não será certamente o «Salvador», mas talvez abra novas perspectivas do desenvolvimento humano, hoje tão necessárias. 

“ Quando observamos os comportamentos do FMI, Banco Mundial ou Banco Central Europeu, podemos dalgum modo reconhecer que por vezes não regulam bem ”



CRISTINA SAMPAIO